

180  
449  
L. 1280 1<sup>2</sup> V.

# ALGUMAS CARTAS

de

J. H. da Cunha Rivara

e

António Francisco Barata

dirigidas a

**Augusto Filipe Simões**



PUBLICADAS POR JAYME AUGUSTO DE MOURA

—  
1 9 4 2

Tiragem: 180 exemplares

N.º

L. 12801 <sup>5</sup> V.

Algumas cartas

de

J. H. da Cunha Rivara

e

António Francisco Barata

dirigidas a

Augusto Filipe Simões



R. 150509

Publicadas por

JAYME AUGUSTO DE MOURA

L I S B O A 1 9 4 2



## Duas palavras

QUEM NÃO SABE DA  
ARTE NÃO A ESTIMA

Enquanto o Mundo desaba e arde, imprime-se êste opúsculo.  
A maioria dos portugueses da minha geração pouco tem ouvido falar de:

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA.—Nasceu em Arraiolos a 23 de Junho de 1809; era filho do Dr. Antonio Francisco Rivara e de D. Izabel da Cunha Rivara Feio Castelo-Branco. Morreu em Évora, a 20 de Fevereiro de 1879, vítima duma pneumonia dupla. Exerceu as funções de Bibliotecário na Biblioteca Pública de Évora, de 25 de Dezembro de 1838 até 1855, ano em que foi nomeado Secretário Geral do Governo da Índia. Conservou-se no ultramar 22 anos.

Em 1881, escreveu J. A. da Graça Barreto, em Alcolena, o prólogo para o livro *Apendice do Archivo Portuguez-Oriental*, de J. H. da Cunha Rivara. Infelizmente, desta obra não se publicou senão o 1.º fascículo até à página 64, na Imprensa Académica de Coimbra, (1882).—Transcrevo as palavras de Graça Barreto:

«Foi sempre ambição do Conselheiro Rivara ajuntar quantos mais materiaes possesse, para que um dia se elucidassem completamente, com a exacção e requisitos que hoje demandam os estudos historicos, muitos pontos escuros dos nossos escriptores da India, e muitos periodos cuja noticia ainda agora é inexacta ou insufficiente, senão nulla, na memoria dos homens. Neste empenho, por todos os meios ao seu alcance, não levantou nunca mão da sua faina, como um trabalhador honrado e incansavel que mereceu em cada dia a sua jorna, e pode bem entrar na ultima sesta, convicto de que a sua passagem no mundo não foi infructifera para a utilidade commum.

Por fatalidade porém succedeu que este notavel homem de letras, raro exemplo de actividade e dedicação, distrahido na India durante vinte annos por serviços practicos de outra ordem, mas de não menor alcance, só deparasse alli como subsidios para a maioria das obras que publicou, e especialmente para o *Archivo Oriental*, com apographos muito incorrectos, ou com registos muito

deficientes; e que voltado á metropole, não lhe permittisse a vida, restringida a um breve periodo de nove mezes, cotejar e completar os apontamentos colhidos no Oriente com os papeis autographos dos archivados da capital, e nomeadamente com os da Torre do Tombo.

Apesar da memoria de Rivara já ter sido amesquinhada traiçoeiramente por alguns dos palermas enfatuados que nestes ultimos tempos se têm arvorado em compiladores historicos, com uma ignorancia enorme só comparavel ao tamanho da sua audacia, e á latitude da fortuna e protecção com que superiormente têm sido favoreados, para o diminutissimo numero de individuos competentes e circumspectos que conhecem o estado dos archivados portuguezes, desses que começam por saber ler por si mesmos todo o genero de papeis, continuam por saber entendê-los e aproveitá-los, e que ainda por sua infelicidade e desenganho têm experimentado as duras condições de indifferença e desprezo com que se fazem no paiz os poucos estudos historicos sérios; para esses Rivara não poderia ter feito mais nem melhor na penuria em que achou os cartorios da India, já dizimados em epocha antiga, e quasi completamente desprovidos de documentos de auctoridade desde as instrucções expedidas pelo Marquez de Pombal em 1774, ordenando a prompta remoção para a metropole de todos os papeis importantes, ecclesiasticos ou civis, dos varios archivados seculares e das corporações religiosas».

Em 1894 — Antonio Francisco Barata publica umas notas sobre o opúsculo *Reflexões sobre o padroado portuguez no Oriente*... por um portuguez (J. H. da Cunha Rivara), Nova Goa, 1858. Diz — «foi um portuguez ás direitas, foi.» Cunha Rivara terminava o citado opúsculo, dêste modo: «Abra pois Portugal os olhos, e atente no que tem a esperar do santo furor das roupetas ultramontanas... e convença-se de que, se continuar a dobrar a cerviz ás exigencias da seita pharisaica, ha de querer retroceder quando já não fôr tempo...»

Escreve Barata — «o actual arcebispo de Goa excomungava Rivara, com certeza, por escrever aquilo...»

*É ler mais tarde o outro opúsculo* — O arcebispo de Goa e a Congregação de Propaganda FIDE, por Um Portuguez, (J. H. da Cunha Rivara). Nova-Goa — na *Imprensa Nacional* 1862. <sup>1)</sup>

ANTONIO FRANCISCO BARATA. — Nasceu em Gois, a 1 de Janeiro de 1836. Conviveu na sua mocidade em Coimbra com os principais escritores daquela época e residiu até 25 de de Janeiro de 1869 naquela cidade. Nesta data veio para Lisboa e morou na Rua das Adellas, n.º 5, 2.º andar. Deveria ter sido este ano, um dos maiores das suas preocupações financeiras.

<sup>1)</sup> Consulte: *Dicionario Bibliografico Portuguez*, de Inocencio, tomo XII; *Dicionario Portugal*, de Esteves Pereira; e a obra *Noção de alguns filhos distintos da India portuguesa*, ordenada por Miguel Vicente d'Abreu. Nova-Goa. *Imprensa Nacional*, 1874.

Em 1870 fixou residência em Évora, onde viveu o resto da vida. Em 24 de Agosto de 1908 escrevia ainda ao Dr. Augusto Mendes Simões de Castro — «Velho de 72 anos anda comigo a carcoma da idade, mas, com certa saúde relativa, que permite o trabalho literário, sem o qual eu já teria de ha muito partido.» Faleceu em Évora, em 1910.

Rodrigo Veloso, escrevia em Barcelos, a 22 de Março de 1894: — «Francisco Barata é o escritor respeitado e consagrado pela aura publica como um dos mais indefesos e benemeritos lidadores das letras patrias, as quaes tem enriquecido com opimos fructos de seu talento e trabalho.» <sup>2)</sup>

AUGUSTO FILIPE SIMÕES. — Nasceu a 18 de Junho de 1835. O fim da vida d'este escritor foi trágico — o suicidio. Enforcou-se num subterrâneo do edificio da Universidade de Coimbra em 1884.

Exerceu as funções de Bibliotecário na Biblioteca Pública de Évora, de 23 de Outubro de 1863 até 1873, data em que foi para Coimbra reger uma cadeira na Universidade (Faculdade de Medicina). Foi seu sucessor no cargo de Bibliotecário o Dr. Thomaz Fiel Gomes Ramalho.

Dou nota da obra de Augusto Filipe Simões.

Publicou: em Évora, 1867, *Cartas da beira-mar*; em 1868, *A invenção dos aerostatos reivindicada*, com 2 gravuras; em 1869, *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo*. Em Lisboa, 1869, *Reforma da instrução secundaria*; em 1870, *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*, com 4 estampas; em 1872, *A contractibilidade e a excitabilidade motriz*. Em Évora, 1872, *Relatorio da administração da Misericordia de Evora*. Em Coimbra, 1872, *Erros e preconceitos da educação fisica*, (dissertação inaugural); em 1873, *Breve exposição dos principais subsidios com que têm contribuido para a theoria do calor animal a chimica, a fisica e a fisiologia*; em 1875, *Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade media*; no mesmo ano, *O tricentenario da Universidade de Leiden*, (relatório ao

---

<sup>2)</sup> — Consulte: *Diccionario* de Inocencio, tomo VIII; *Diccionario Portugal*; e *Segundo Eserinio Bibliográfico*, págs. 39/41, (1916) da importante livraria do Dr. Rodrigo Veloso, distinto advogado em Barcelos.

reitor da Universidade de Coimbra). Em Lisboa, 1878, *Introdução á arqueologia da Peninsula Iberica. Parte I.- Antiguidades prehistoricas*, com gravuras; em 1879, *A civilização, a educação e a física*, conferências no Instituto; em 1881, *O tratado de Lourenço Marques*, (mas publicado anónimo); e em 1882, o valioso Catálogo — *A exposição retrospectiva da arte ornamental portuguesa e hespanhola em Lisboa*.

Acêrca do Catálogo, Antonio Francisco Barata, em 1894, escreve: — «Por este livro se espalham vastos conhecimentos que o desditoso Professor teve no assunto.

«Amigol Nada sei do que ha depois da vida... nada!... apesar das crenças. Creio-te na morada dos justos, onde teu espirito imortal permanecerá.»

Pela matéria exposta em *Duas palavras*, julgo de algum interesse, as cartas que publico, da minha livraria.

Lisboa, 1939.

J. A. de Moura

J. A. de Moura, colaborou nas seguintes publicações:

Revista *Arquivo Nacional de Ex-Libris* — Lisboa (1927 a 1934).

*Catálogo Geral da Primeira Exposição de Ex-Libris em Portugal*, da iniciativa de Luís Derouet — Imprensa Nacional de Lisboa — (1930).

Revista *Courrier Belge* — Pitthem, Bélgica (1928).

# Cartas

de J. N. da Cunha Rivara

---

Ill.<sup>mo</sup> Snr.

Goa 20 S.<sup>bro</sup>  
de 1863

*N*a Cidade de Madrasta, quando me faria prestes para recolher a Goa, depois de uma ausencia de muitos meses, e larga peregrinação por essa India, recebi a estimada carta de V. S.<sup>a</sup> de 9 de Agosto.

Já pelas gazetas me havia chegado a nova do fallecimento do meu bom e velho am.<sup>o</sup> João Raphael de Lemos, cuja perda será sentida na nossa Evora por muito tempo; mas no meio da minha magoa não he pequena consolação ver que no que respeita á Bibliotheca Publica a falta daquelle venerando varão fosse supprida por V. S.<sup>a</sup>. Não tenho a honra de conhecer pessoalm.<sup>te</sup> a V. S.<sup>a</sup> mas da sua carta fico entendendo que a uma grande instrucção reune V. S.<sup>a</sup> incançavel amor pela sciencia, e mormente pelas sciencias naturaes. Ausente de Portugal ha mais de 8 annos, e de Evora posso dizer que ha mais de 11, ignoro até quem sejam as pessoas que hoje occupam a maior parte dos cargos publicos nessa Cidade, e especialmente quaes os novos Professores do Lyceu. Parece-me que V. S.<sup>a</sup> he o Professor da Cadeira da Historia N.<sup>al</sup> Physicã e Chimica. Eu tambem nos meus principios lá andei por esses bancos,

*e apesar de me ter depois dado especialm.<sup>te</sup> a outros estudos, nunca perdi até agora a queda pelas sciencias da natureza.*

*E já que este ponto foi o 1.<sup>o</sup> que toquei, direi a V. S.<sup>a</sup> que não he facil colligir aqui os productos naturaes, mormente os zoologicos. He verd.<sup>e</sup> que recentem.<sup>te</sup> podêmos mandar daqui alguma cousa p.<sup>a</sup> o Museu de Lisboa; mas quanto trabalho não custou isso? A temperatura do clima corrompe em poucas horas os animaes; a rudeza dos habitantes repugna a offerecerem aos cultores da sciencia os productos, que aliás tem á mão; e tudo são estorvos e embaraços. Todavia tomarei a meu cuidado fazer colligir os duplicados que puder ser, p.<sup>a</sup> que assim possa no futuro ser contemplado o nosso Museu com um exemplar desses duplicados, que forem ao Museu de Lisboa. Represente V. S.<sup>a</sup> ao Gov.<sup>o</sup> tambem neste sentido.*

*M.<sup>to</sup> folgo de saber que está accrescentada a prestação da Bibliotheca; e que se vai ampliar o edificio. He excellente tudo isso. Não esfrie, nem afrouxe V. S.<sup>a</sup> com as contradições que por certo hade encontrar no caminho dos melhoramentos; mas tenha conta em não offender o melindre das auctoridades e do Governo; porque se se mette na opposição, nada fará.*

*Sem duvida he necessario aperfeiçoar o Catalogo, assim dos impressos, como dos manuscriptos. Destes achará V. S.<sup>a</sup> o Catalogo em borrão por minha letra, por ordem dos Codices, nas caixas respectivas. Mas dahi até se fazer um Catalogo perfeito, ainda se requer muito trabalho. Como porem V. S.<sup>a</sup> se não esquivá a elle, tudo se vencerá.*

*Eu acabo o meu tempo da comissão de Secretario da India daqui a um anno, em S.<sup>bro</sup> de 1864.*

*Não sei se a esse tempo estará também concluída a Comissão de arredondamento dos Bispados do Padroado. Estando ambas concluídas, regressarei logo á patria, e espero poder ainda passar algumas horas na minha amada Bibliotheca, a esse tempo melhorada e aperfeiçoada pelos intelligentes esforços e trabalhos de V. S.<sup>a</sup>.*

*Não tenho que desculpar, antes muito que agradecer a deliberação que V. S.<sup>a</sup> tomou de me escrever, e dar-me noticia da minha Bibliotheca. Mas não me diz se o velho José de Castro he vivo ou morto. Não se esqueça p.<sup>a</sup> a outra vez, porque eu conto que a sua 1.<sup>a</sup> carta não seja a ultima.*

*Dou-lhe os parabens de se achar já em exercicio o caminho de ferro. Acharei mais esse notavel melhoramento quando embora tornar á patria.*

*Concluo esta já tão longa, significando a V. S.<sup>a</sup> que me será sempre agradavel receber as suas communicações, e que sou*

*De V. S.<sup>a</sup>*

*V.<sup>or</sup> e servo obgd.<sup>mo</sup>*

*J. N. da Cunha Rivara*

*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.*

Goa 23 de Janeiro  
1868

*A*os 17 do corr.<sup>o</sup> pela barca Venturosa tive o gosto de receber a carta de V. Ex.<sup>a</sup> de 28 de Novembro de 1866; e não se admire da tardança, porque he sorte inevitavel de todas as cartas, de que se não paga ahi o porte correspondente á carreira dos vapores ingleses do Mediterraneo, ficarem detidas no correio de Lisboa até ao 1.<sup>o</sup> navio de vela que dalli sae para a India pelo Cabo da Boa Esperança; e como os navios partem em Setembro, as cartas que entram depois deste mez só são expedidas no Setembro seguinte, e chegam a Goa em Janeiro; isto, se a viagem he feliz, porque se ha alguma arribada, o que ás vezes acontece, retardam-se ainda outro ano.

Agradeço as noticias que me dá da nossa Bibliotheca, e vejo que se está melhorada no pessoal, o não está no material.

Agradeço iguالم.<sup>te</sup> a honrosa menção que V. Ex.<sup>a</sup> fez do meu nome no seu Relatorio, que eu lera na Gazeta de Portugal, e depois vi na Folha do Sul, que me chega todos os annos junta nos navios de vela; e ahi vejo as mais noticias do nosso campanario. Eu julgava que só na India havia jornaes cynicos e dementes; mas vejo que neste particular a cidade de Sertório não leva vantagem á terra de Albuquerque.

Por uns artigos tambem da Gazeta de Portugal

*vi ha pouco o que lá vae no nosso Lyceu. Já no meu tempo assim era com os celebres Fino e João Luis de pedantesca memoria.*

*Folgo que ainda haja alguém que se applique a esses manuscriptos; e julgo que o Telles de Mattos será filho do que morava ou mora ainda na rua dos Infantes, e eu conheci criança.*

*As tres assignaturas do Chronista de Tissuary, que V. Ex.<sup>a</sup> pede, irão, os dous annos de 1866 e 1867 em volume no navio de vela, e os N.<sup>os</sup> que neste corrente anno forem saindo, pelos paquetes ingleses, se V. Ex.<sup>a</sup> não avisar outra cousa. A importancia das assignaturas queira V. Ex.<sup>a</sup> entregar ao Snr. José Maria Penedo, ourives, na Rua da Sellaria.*

*Tem sido objecto de archeologica discussão a torrinha do aqueducto junto a S. Francisco. Os que a attribuem a Sertorio, ou a outro Romano, não se lembram que André de Resende para provar a existencia do aqueducto romano, andou de picareta na mão por esses campos a descobrir alicerces, que o Bispo de Viseu, e outros sabios do tempo negavam. Ora se houvesse a torrinha, e portanto os arcos, que a sustentam, era escusado o trabalho de Resende; bastava ter olhos, e ir seguindo o cano desde o largo de S. Francisco para traz. Tudo isto digo eu um pouco timidamente, porque no meio dos meus estudos das cousas da India receio que se me tenham varrido as ideias da historia patria.*

*Rogo a V. Ex.<sup>a</sup> se sirva de fazer meus cumprimentos aos am.<sup>os</sup> do meu tempo, acreditando igualmente que de V. Ex.<sup>a</sup>, posto que mais moderno na terra*

*Sou am.<sup>o</sup> e V.<sup>or</sup>*

*J. N. da Cunha Rivara*

J. H. da Cunha Rivara



24/10/88



PARTEGAL  
POR ALEXANDRIA  
FRANCA

M. de m. Sr. Augusto  
Filippe Simoes

Evora

11/2

Fac-simile do endereço da carta-Envelope e da assinatura de J. H. da Cunha Rivara

Goa 5 Junho  
1870

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

**R**ecebi o Conimbricense de 5, 9 e 12 de Abril, com o art.<sup>o</sup> de V. Ex.<sup>a</sup> em que me faz aquelle favor que eu já estou costumado a receber da sua pessoa. Alem das benevolas expressões de V. Ex.<sup>a</sup> duas cousas me deleitaram: a 1.<sup>a</sup> saber que já está impresso o 2.<sup>o</sup> vol. do Catalogo; a 2.<sup>a</sup> que se não perdeo na Camara o meu trabalho de tantos annos no Indice dos seus documentos. O meu plano quanto á Camara não ficou completo. Eu meditava fazer um indice, ou para melhor dizer, um extracto de tudo quanto se contem nos livros das vereações, que posto que naquelle archivo faltem todos os anteriores a quinhentos, havendo poucos deste seculo, e com interrupções os posteriores, contudo deve ser importante o conhecimento disso mesmo que ha; e he certo que a historia administrativa, economica, e ainda a politica do paiz nunca será conhecida em quanto se não estudarem os actos dos nossos municipios, as suas attribuições, ou legaes, ou consuetudinarias as suas contendas de jurisdicção com os tribunaes e autorid.<sup>es</sup> parallellas, ou superiores. Da ignorancia total destas cousas, que hoje tem em regra os nossos legisladores e homens publicos, procede sermos governados ha perto de meio seculo por más traducções de leis estrangeiras, e o paiz estar em completa anarchia, e a naciona-

lidade moribunda. Nos municipios está a vida da nação, como já advertio Alexandre Herculano, mas para conservar, e dar vitalidade aos municipios, he mister conhecê-los, e só se podem conhecer estudando a sua historia desde os tempos remotos até nós. Talvez eu ainda possa ir daqui com forças de levar ao cabo o meu velho plano relativamente ao cartorio da Comarca de Evora, e incitar com esse exemplo outros mais habeis do que eu a que façam o mesmo nas suas respectivas cidades ou villas, e só então se desenrolará aos olhos da actual geração o bem ou mal do que fizeram ou pensaram os nossos maiores, p.<sup>a</sup> se poder seguir affoitamente aquelle, e evitar este. Mas a carta vai degenerando em artigo de Journal, e eu não estou escrevendo para o Conimbricense.

Quanto ao 2.<sup>o</sup> vol. do Catalogo, desejo ter um exemplar delle; ou dado, ou comprado, pode V. Ex.<sup>a</sup> enviá-lo ao Snr. Antonio Pedro de Carvalho, chefe de repartição no Ministerio da Marinha, para elle na pr.<sup>a</sup> ocasião opportuna m'o remeter. O Snr. José Maria Penedo, dessa Cid.<sup>e</sup> dará a V. Ex.<sup>a</sup> a importancia do volume, sendo necessario compra-lo.

Os meus cumprimentos ao Snr. Telles de Mattos.

Eu aqui estou n'uma posição precaria, mas não mais precaria do que a dos nossos governos. Dentro de um anno qualquer que seja a sorte que me preparem, irei descançar na nossa bibliotheca, e esquecer-me para sempre dessa loucura a que em linguagem official chamam, administração e politica.

No entretanto fico ao dispor de V. Ex.<sup>a</sup> de quem tenho a honra de ser com a maior consideração

m.<sup>to</sup> att.<sup>o</sup> V.<sup>or</sup> e am.<sup>o</sup> obgd.<sup>mo</sup>

J. N. da Cunha Rivara

# Cartas

de António Francisco Barata

*Ex.<sup>mo</sup> Senr. e amigo*

**N**ão tenho accusado a recepção da carta de V. Ex.<sup>cia</sup> por não ser urgente o fazel-o e mesmo por ter tido muito que fazer. Uma traducção do francez, de que me encarregou o Ferreira em Lisboa, tem-me dado grande trabalho, pela variedade de assumptos e nomenclatura, (é uma miscellanea de quasi todos os conhecimentos humanos de applicação domestica). Conclui-a hontem.

No correio que d'aqui saio hoje deverá ir p.<sup>a</sup> V. Ex.<sup>cia</sup> um exemplar dos Quadros historicos editados nessa cidade. Não ficaram feios. No prelo está o 2.<sup>o</sup> quadro — Batalha d'Alfarrobeira — e trabalho para o 3.<sup>o</sup> — Decapitação do Duque de Bragança em Evora.

Aproposito, peço a V. Ex.<sup>cia</sup> o favor de me indicar algum livro sobre o feudalismo entre nós, caso o conheça, bem como dizer-me onde toparei eu o retrato do Duque morto. Em Villa Viçosa ha um bom retrato; mas como havel-o? Conhecerá V. Ex.<sup>cia</sup> algum retrato d'aquella victima do despotismo e maldade do Principe Perfeito?

Tenciono visitar hoje, domingo, o Rivara, e perguntar-lhe por isto; mas talvez não saiba.

Aproposito deste homem digo a V. Ex.<sup>cia</sup> que elle me teceo os maiores elogios que se podem fazer ao livro de V. Ex.<sup>cia</sup>, lamentando um lapso que alli encontrará — confusão do lago de Genova com o de Genebra — que elle attribuia a puro lapso.

Tenho de ir a Lisboa com o Joaquim, para fazer exame final de Francez. Veja V. Ex.<sup>a</sup> que despeza p.<sup>a</sup> os paes pobres, com esta ida, ordenada por um governo que diz querer levar a instrucção á porta de todos!

Ou eu penso mal, ou tudo isto de instrucção anda disparatado.

Tenho ahi no prelo da Imp. Litteraria nova edição acrescentada do Cancioneiro. Fazem-me diabruras os typographos... estou descontente.

Conhecendo que ha poucas pessoas como V. Ex.<sup>a</sup> para ápreciarem meos esforços resolvi pôr ponto em mais escriptas. Continuarei os Quadros por um dever p.<sup>a</sup> com o editor, dado que elle ache compradores. Se não, nem mesmo isso. Pois p.<sup>a</sup> que me serve tanto lidar se nem para escrivão de direito sirvo?

Basta de maçar a quem tanto o deve estar com actos e mais trabalhos academicos.

Meos respeitos e nossos ás Senhoras.

9-6-78

Do am.<sup>o</sup> do C. grat.<sup>mo</sup>

A. F. Barata

*Meu bom Am.º e Senr.*

**E**stimei que podessemos haver á mão o livro, que evidentemente era da Bibliotheca.

Envio umas tiras de escriptos de Resende com forma de cartas, que temos nos catalogos das tiras. No grande não ha nada de Resende (André). V. Ex.ª depois as enviará.

Agora vamos á cota do livro:

Sim sr., cá temos diversos opusculos com ella: achei-a em 4 e não procurei mais. Vão fac-similes para confrontar. É, pois, isto mais uma prova.

Não achei nada de Resende dirigido a Quevedo (cartas) a Ambrosio de Alforales sim, como V. Ex.ª verá. Resta só procural-os o que amanhã farei.

As obras em que se encontram as taes cotas são:  
Reportorio dos tempos &c gothico: sem fim nem logar de impressão.

Historia passionis Domini Jesu &c Olisibonae 1542.

Cartinha para ensinar a leer . . . ordenada pelo senhor don Joham Soarez bispo de Coymbra gothico, sem logar de impressão.

Insino christão approvado pella sancta Inquisição. Lx.ª 1539.

Alem destas provavel é que muitas o tenham. Vae uma carta que hoje veio de Goa.

Depois de tomar posse o nosso Conego Abel cahiu de cama com uma angina. Fonseca diz ser benigna.

Não temos o Diario. Deu-se parte ao Sr. Dr. Vianna, mas elle não o manda assignar. Nicolau diz que o faria se tivesse ordem. Manda-o assignar V. Ex.<sup>a</sup> se elle o não fizer?

Depois do que disse na que mandei já hoje ao Sr. Dr. Meirelles e do que nesta digo, nada mais lembro.

De V. Ex.<sup>a</sup> am.<sup>o</sup> e obrigad.<sup>mo</sup>

Barata

Evora, 15-8-78

P. S. — A cota parece ser : *Prohibetur*.

*Ex.<sup>mo</sup> Am.<sup>o</sup> e Senr.*

**Q**ue V. Ex.<sup>a</sup> esteja bom e boas as senhoras e mais familia é o que sinceramente desejo.

Já me foi concedido o fragmento de estatua que encontrei na Sempre Noiva, segundo carta do collega de V. Ex.<sup>a</sup>, Rivara, de Arraiollos, escripta a Pardelha. Ha-de vir em um carro do Franco e logo que chegue a farei cercar de grade de madeira e conduzir p.<sup>a</sup> ahi.

Esteve aqui o sr. Teixeira de Aragão alguns dias fazendo estudos na Bibliotheca: ajudei-o nelles copiando-lhes algumas cousas, mesmo depois que saio.

Para V. Ex.<sup>cia</sup> me pediu elle m.<sup>tas</sup> lembranças, depois de muito me ter fallado lisongeiramente dos trabalhos scientificos de V. Ex.<sup>cia</sup>.

Prometteo-me as obras delle, que espero, para escrever um artigo sobre a casa da moeda em Evora, ácerca da qual elle pouco ou nada sabe, e eu alguma cousa, colhida na Camara.

A viuva do fallecido Rivara deu p.<sup>a</sup> a Bibliotheca os livros do morto: não são muito valiosos, com excepção dos que respeitam a India, esses sim, excellentes e muitos, por certo, unicos em Portugal.

Um destes dias mandarei pelo correio algumas das raras moedas de D. João I, que me parece não haver V. Ex.<sup>cia</sup> na pequenina collecção.

*Morreo aquelle Telles que tinha moedas: lá foi  
Teixeira de Aragão e alguma cousa comprou a uma  
creada. Raridades não tinha.*

*Meus respeitos e de todos nós ás senhoras  
e V. Ex.<sup>cia</sup> mande em tudo o*

*Am.º do coração*

*A. F. Barata*

22-5-79

*Ex.<sup>mo</sup> Amigo e Senr.*

**D**esejo que V. Ex.<sup>cia</sup> esteja bom e boa toda a familia e que tenham m.<sup>to</sup> boas festas.

• Nada me tem podido dizer V. Ex.<sup>cia</sup> com respeito á mutilada estatua que topei na Sempre Noiva, nem dizer-me cousa alguma ácerca de fontes para se escrever della. Calcúlo bem que será por ter tido muito que fazer não só com a seg.<sup>da</sup> conferencia, mas com outros trabalhos.

Esperai aqui o Araujo nas ferias: não veio; mas está aqui o Calça a quem pedirei p.<sup>a</sup> levar a V. Ex.<sup>cia</sup> uns livros e outras cousas.

De perto de dozentos livros que comprei ha pouco a uma velha herdeira de um padre Farto, fiquei com alguns para mim e vendi os outros. Tenho um grosso volume manuscripto, da letra do Lopes de Mira, curioso antiquario Eborense, que o fallecido Rivara queria p.<sup>a</sup> a Bibliotheca d'Evora, chegando a falar nisso aos empregados della. Morreo, e eu não me atrevo sequer a tocar-lhes nisso. Como não tenho mss. resolvo vendel-o e lembro escrever ao Tullio, que em tempo me pagou bem uns mss. que ahí tinha comprado, por morte do D.<sup>r</sup>. A. Nunes de Carvalho; mas ocorre-me a ideia de que talvez V. Ex.<sup>cia</sup> o queira para a Bibliotheca de Coimbra, hoje a cargo de V. Ex.<sup>cia</sup>, dado que tenha verba para isso.

*Eu dou uma ideia delle: é folio max. ou maior que o ordinario de hoje, e mede 300 a 400 folhas: está bem encadernado e trata de cousas antigas relativas ao Arcebisnado de Evora, constando de copias de documentos que o homem descobrio no cartorio do Cabido, e em outros. O indice mede algumas seis folhas. Diga-me V. Ex.<sup>cia</sup> ò que a tal respeito pensa. Se eu podera junctar mais mss. não vendia este, mas não é possível, e por que agora não ha casamentos, deixo-o ir.*

*O Pereira Caldas vae indicar a Rezende, me diz elle. Lá se avenha.*

*Meos respeitos ás senhoras.*

*Do amigo do C. grat.<sup>mo</sup>*

*Antonio Francisco Barata*

*Evora, 9-4-79*

## Notas:

Pág. 1: — *João Rafael de Lemos*. — Desempenhou o cargo de Bibliotecário na Biblioteca de Évora e foi o sucessor de Rivara, conservando-se neste cargo até à sua morte. Faleceu à 1 hora da manhã em 26 de Julho de 1863, na sua casa, no Largo d'Alconchel, freguesia de Santo Antão, na cidade de Évora, com a idade de 75 anos, solteiro.

Pág. 4: — *Gazeta de Portugal*. — Lisboa. (Órgão do Partido Regenerador). — Foi fundado por António Augusto Teixeira de Vasconcelos. Saiu o n.º 1 em 9 de Novembro de 1862 e terminou em 25 de Novembro de 1864.

Pág. 4: — *Folha do Sul*. — Évora. (Continuação do jornal *Voz da Infancia*). — Saiu o 1.º número em fins do ano de 1864 e terminou em 28 de Dezembro de 1867.

Pág. 5: — *Teles de Matos* (Joaquim António de Sousa). — Nasceu a 13 de Agosto de 1843, em Évora. Colaborou na apreciada obra «Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborense». — Veja Dicionário de Inocencio, tomo XII, págs. 13/4.

Pág. 5: — *O Chronista de Tissuary*. — Periódico mensal, cujo redactor principal foi Cunha Rivara. Publicado em Nova-Gôa, na Imprensa Nacional, nos anos de 1866 a 1869.

Pág. 7: — *O Conimbricense*. 1854. — Após a assinatura da Convenção de Gramido, em Julho de 1847, que pôs termo à guerra civil, os membros do Partido Popular foram alvo de perseguições e vexames de toda a espécie, sendo as autoridades impotentes para manter a ordem. «O verdadeiro poder, diz Joaquim Martins de Carvalho, tinha passado para um club, que reunia na Couraça de Lisboa, nas casas de José Ricardo Pereira de Figueiredo, que havia sido juiz de direito de Coimbra. Aí se decidia quais deviam ser as vítimas sacrificadas.» — Isto levou os influentes do Partido Progressista a criarem um jornal, onde pudessem reclamar contra tal estado de coisas, e saiu o seu n.º 1 com o título de «O Observador», em 16 de Novembro de 1847. «O Observador», não obstante as ameaças que de toda a parte choviam, e o risco a que se expunham os seus redactores, continuou a publicar-se, verberando abusos e prepotências, em que se salientava o batalhão de caçadores 8, ao tempo aquartelado

nesta cidade, que depois de uma representação contra êle apresentada veio a ser tranferido para o Pôrto. — Do dia 24 de Janeiro de 1854 em diante, êste periódico começou a designar-se *O Conimbricense*, sob a direcção de Joaquim Martins de Carvalho, e mais tarde, em 1898, de seu filho o general Francisco Augusto Martins de Carvalho, e que só veio a terminar com o n.º 6.230, em 31 de Agôsto de 1907. — É um jornal notável por todos os motivos, cuja compulsação é obrigatória para quantos se occupem da história contemporânea e designadamente da história de Coimbra. — Na Biblioteca Municipal de Coimbra há a collecção completa — única conhecida — que foi de Martins de Carvalho » <sup>1)</sup>

Pág. 9: — *Quadros históricos*. — Refere-se à obra que a Tip. M. C. da Silva, de Coimbra, tencionava publicar. Segundo plano de Francisco Barata seriam 4 tomos a obra completa. Infelizmente imprimiu-se só o 1.º quadro, isto é, o 1.º tomo: *A Tomada de Ceuta* (1878). O frontispício desta obra e o retrato de D. João I são gravuras rasoáveis daquela época.

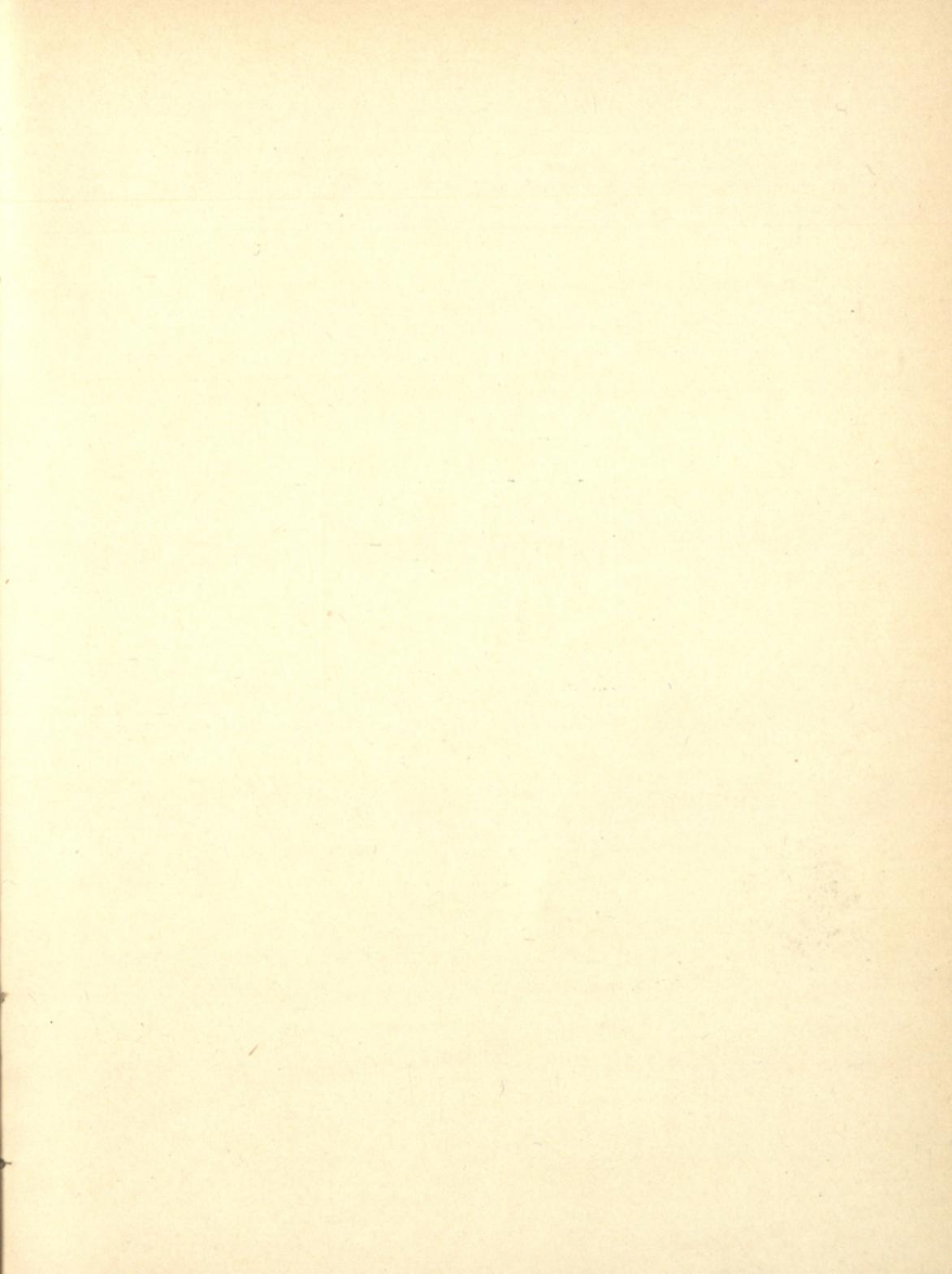
Pág. 10: — *Cancioneiro*. — Refere-se à 2.ª edição do *Cancioneiro Portuguez*. A 1.ª edição foi impressa na mesma tipografia. (1866). É a obra mais apreciada dêste escritor.

<sup>1)</sup> In *Jornais e Revistas de Coimbra*. Bibliografia por J. Pinto Loureiro, director do Arquivo Coimbrão. — Ed. da Biblioteca Municipal de Coimbra, 1931.



## Índice

|   | Págs. |
|---|-------|
| I — Duas palavras ... ..                    | III   |
| II — Cartas de J. H. da Cunha Rivara ... .. | 1     |
| III — » » António Francisco Barata ... ..   | 9     |
| IV — Notas ... ..                           | 17    |



Executado nas oficinas da  
**i**mprensa  
**b**arreiro  
lisboa /// rua vitor bastos, 51